

REPENSANDO O FUTURO DA QUALIDADE DO ENSINO SUPERIOR

Rogéria Soares¹ & Jesus Maria Vaz Fernandes²

¹ Centro de Investigação em Educação, Universidade da Madeira, Portugal.
rogeria.soares@staff.uma.pt

² Centro de Investigação em Educação, Universidade da Madeira, Portugal.
angi@staff.uma.pt

Introdução

A ciência hoje deve ter em conta um universo fragmentado e uma perda de certezas, deve fazer uma reanálise do lugar a conferir ao acaso e à desordem, tal como deverá ter em consideração as evoluções, as mutações, as crises e as mudanças, em vez das situações estáveis e permanentes. (Pourtois & Desmet)

Para uma avaliação das interconexões dos riscos globais, podemos parafrasear Pascal, citado por Morin (2005, p. 182), quando refere que “Só posso compreender um todo se conheço, especificamente, as partes, mas só posso compreender as partes se conhecer o todo.”

Os maiores riscos apontados pelo Relatório Global de Riscos 2020 foram os ligados à questão ambiental. No entanto, hoje, diante das orientações de afastamento social decorrentes da pandemia causada pelo novo coronavírus, as emissões de carbono, por exemplo, caíram em torno de 80%.

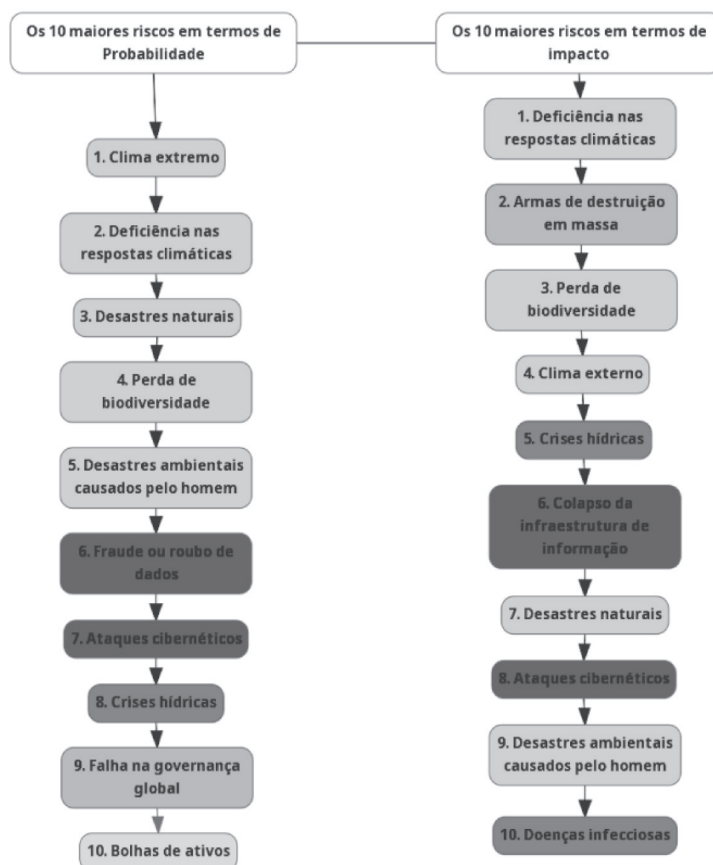
Já não são as situações estáveis e as permanências que nos interessam prioritariamente, mas as evoluções, as crises e as instabilidades. Não queremos estudar apenas o que permanece, mas também o que se transforma, as alterações geológicas e climáticas, a evolução das espécies, a génese e a mutação das normas que marcam os comportamentos sociais. (Prigogine, STENGERS. Apud SOUSA, 2009, p. 9)

A pandemia do novo coronavírus é um desafio histórico. No início do ano de 2020, precisamente no mês de fevereiro, o mercado entende os sinais de alarme, prevendo que o surto poderia se transformar numa pandemia, sen-

do o primeiro reflexo a queda acentuada das ações. Os preços do petróleo despencaram frente à diminuição de consumo global, criando condições para uma alteração na forma de analisar os riscos e de encarar a qualidade.

Fórum Económico Mundial

Os dez maiores riscos em termos de probabilidade e de impacto, segundo o Relatório Global de Risco de janeiro de 2020, foram:



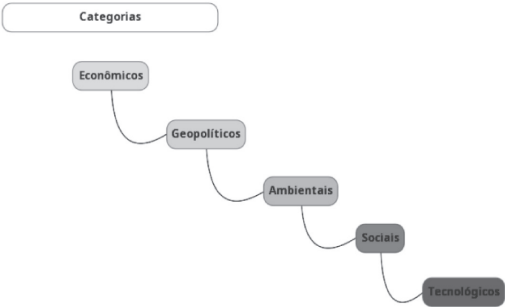


Figura 1 - Probabilidade de impacto em 2020. Fonte: Relatório Global de Risco, 2020, p. 9

Ampliando num mapa as interconexões dos riscos globais, teríamos o seguinte:

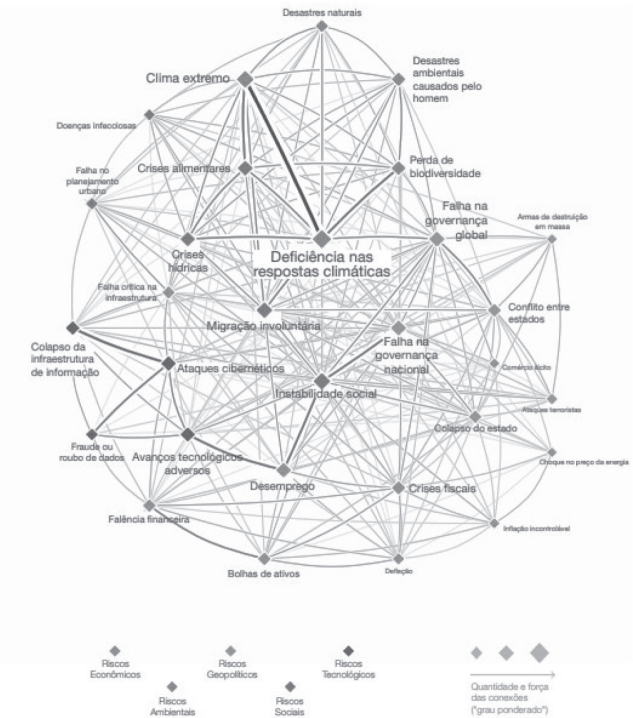


Figura 2 - Interconexões dos Riscos Globais 2020. Fonte: Relatório Global de Risco, 2020, p. 11

Já segundo o Relatório Global de Risco de janeiro de 2021, os dez maiores riscos em termos de probabilidade e de impactos foram os seguintes:

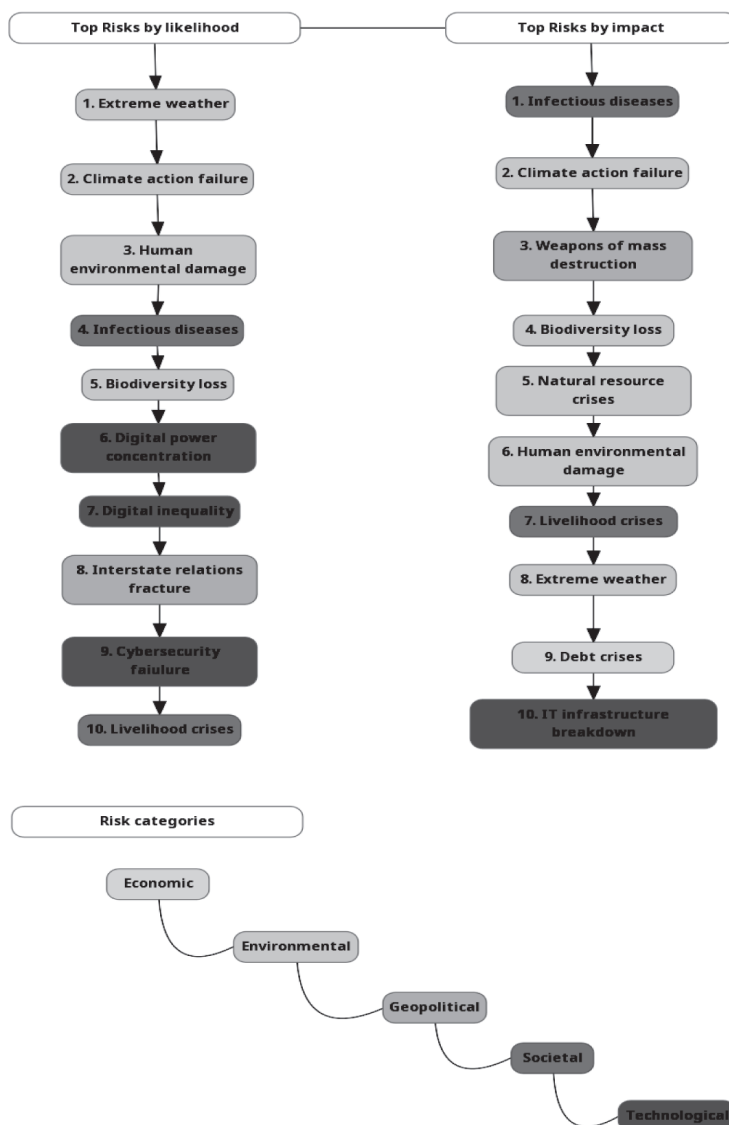


Figura 3 - Probabilidade de impacto em 2021. Fonte: The Global Risk Report, 2021, p. 14

Ampliando num mapa as interconexões dos riscos globais, teríamos o seguinte:

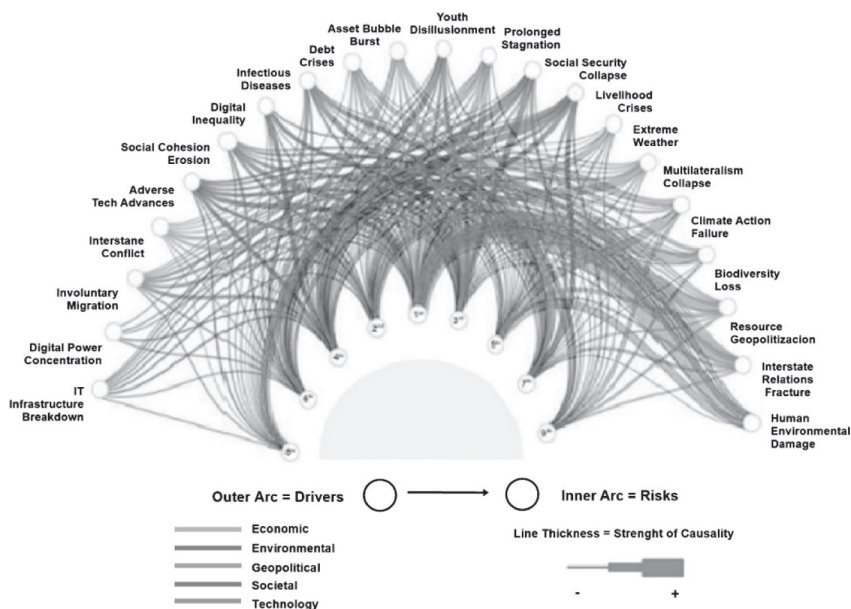


Figura 4 - Interconexões dos Riscos Globais 2021. Fonte: The Global Risk Report, 2021, p. 13

Os Relatórios Globais de Riscos elaborados pelo Fórum Econômico Mundial reúnem as análises de especialistas mundiais, os quais avaliam os riscos globais, classificando as maiores preocupações mundiais em termos de impactos e probabilidades.

Estes riscos que podem vir a deteriorar a coesão social, diante das desigualdades desencadeadas pela crise da COVID-19, como por exemplo, as disparidades educacionais, o aumento da pobreza e a crescente alta na taxa de desemprego, fatos que podem levar a recuperação da economia a ser altamente desigual em alguns países, como demonstra a comparação do crescimento esperado no ano de 2020 e a resposta fiscal, a partir de 12 de janeiro de 2021 (% do PIB), da figura abaixo.

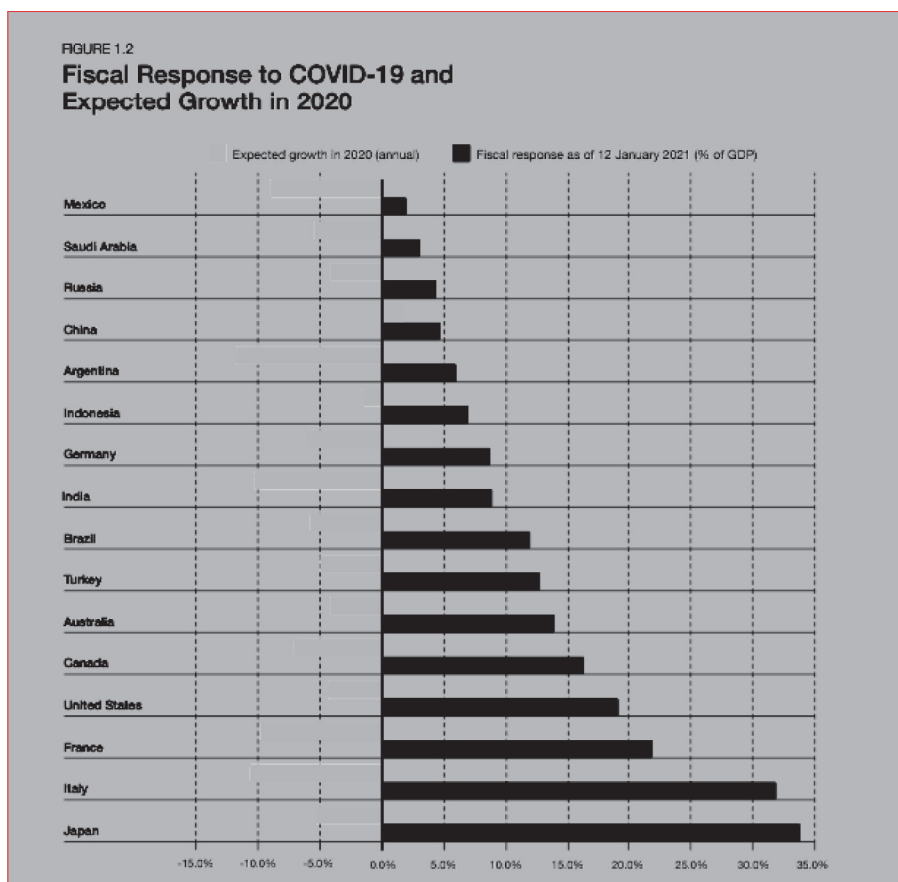


Figura 5 - Resposta Fiscal / % PIB 2021. Fonte: The Global Risk Report, 2021, p. 21

Na medida em que as diferenças económicas se acentuam, as oportunidades aos jovens também se diferenciam.

For younger respondents to the GRPS—the World Economic Forum’s Global Shapers—“youth disillusionment” is also a top blind spot (see Box 3.I). Hard-fought societal wins could be obliterated if the current generation lacks adequate pathways to educational and job opportunities. A scarred generation Today’s youth already bear the scars of a decade-long financial crisis, an out-dated education system, and an entrenched climate crisis, as well as violence in many places. (The Global Risk Report, 2021, p. 40)

Essa seria uma geração desiludida, parafraseando Forbes (2010, p. 15), “desbussolada”, por não saber o que fazer, nem escolher, hoje, diante do incerto futuro. Uma geração sem norte, sem bússola.

O sujeito pode negar o que deseja, frente aos desencontros entre o que deseja e o que é possível realizar, mas pode também sublimar de forma radical nas drogas, na obesidade, nos casos de depressão ou de violência. Dá-se então um curto-circuito da linguagem como sintoma, onde as identidades se desestruturam e o sujeito fica, segundo o autor, “desbussolado”.



Figura 6 - Risks Landscape 2021. Fonte: The Global Risk Report, 2021, p. 40

Ao trazer esse olhar para a educação superior, as oportunidades aos jovens graduados se diferenciam, dependendo da região onde habitam, diante das desigualdades de possibilidade de se gerar uma educação superior de qualidade, a qual venha a ser competitiva num mercado global de trabalho, minando, desta forma, em muitos países, a ascensão de suas Universidades nos rankings mundiais de qualidade da educação superior.

The pandemic has exposed youth's vulnerability to widespread economic and societal shocks. Political and economic systems will need to adapt globally to directly address youth's needs and minimize the risk of a lost generation. Investment in improving education sectors and in upskilling and reskilling, en-

...suring adequate social protection schemes, closing the gender gap and addressing mental health scars should be at the centre of the recovery process. (The Global Risk Report, 2021, p. 46)

Os riscos relacionados com as profundas mudanças na cadeia produtiva, o aumento do desemprego e a necessidade de melhorias nos sistemas, nas infraestruturas e nas tecnologias, roubaram a cena, em janeiro de 2021, dos riscos apontados no Relatório Geral de Riscos de janeiro 2020, alterando a sua ordem em termos de probabilidade e de impactos com tendência a mudanças ainda maiores após a COVID-19, sendo necessária uma nova análise dos riscos, bem como das oportunidades decorrentes dos mesmos. Esse é um cenário mundial em choque diante das incertezas que o acaso carrega em si.

O acaso, o incerto, o instável... a complexidade

Num mundo que já se encontrava em grande tensão geopolítica e comercial, desde o início da nova década, diante de sistemas políticos e econômicos que tinham vindo a exacerbar a desigualdade, essa tensão aumenta frente ao perigo da imobilidade do sistema comercial global e da cooperação internacional, trazido pela incerteza sobre o futuro num cenário global de instabilidade.

Um mundo instável gera não só múltiplos desafios e oportunidades, mas também riscos agravados, se se persistir em olhares unilaterais, para um novo formato de poder em nome do “equilíbrio”.

O que antes era dado como certeza em relação às estruturas de aliança e aos sistemas multilaterais já não se sustenta mais, à medida que os estados questionam o valor das estruturas de longa data, adotam posturas mais nacionalistas na busca de agendas individuais e ponderam as potenciais consequências geopolíticas da dissociação econômica. (Relatório Global de Riscos, 2020, p. 06)

Ultrapassando a concepção de certeza, estabilidade e equilíbrio, encontramos, em 2020, numa ordem que extrapola tudo isto, gerando uma desordem que, segundo Morin (2005, p. 200):

(...) traduz-se pela incerteza (...) Pode-se dizer também que a desordem invadiu o universo; é certo que a desordem não substituiu totalmente a ordem no uni-

verso, mas já não existe nenhum setor em que não haja desordem. Ela está na energia (calor), no tecido subatômico do universo, em sua origem accidental. A desordem está no coração chamejante das estrelas. Ela é inseparável da evolução do nosso universo; onipresente, não só se opõe à ordem, mas, estranhamente, também com ela coopera para criar organização; na verdade, os encontros aleatórios, que supõem agitação e, portanto, desordem, foram geradores das organizações (...)

É uma ordem que, por não ocupar o lugar de certezas fechadas, imutáveis, está sujeita às incertezas do acaso, ao choque da desorganização do percurso conhecido, deparando-se com o não previsível que perturba a ordem estabelecida e produz, através da aparente desordem, uma reorganização.

Não podemos saber se a incerteza provocada por um fenômeno que nos parece aleatório resulta da insuficiência dos recursos ou dos meios do espírito humano, que o impede de encontrar a ordem oculta na desordem aparente, ou se resulta do caráter objetivo da própria realidade. Não sabemos se o acaso é uma desordem objetiva ou, simplesmente, o fruto de nossa ignorância. Isso quer dizer que o acaso comporta incerteza sobre sua própria natureza, incerteza sobre a natureza da incerteza. (Morin, 2005, p. 201)

Diante das incertezas do acaso, podemos dizer que o mundo precisa de desatar o nó, em que se encontra, e buscar formas de agir com celeridade e bom senso, com o propósito de responder às novas exigências da sociedade, realizando a descoberta de uma nova ordenação, com base na mensagem oculta que toda a desordem carrega em si.

Se o mundo já vinha enfrentando uma desaceleração econômica e uma fragilidade frente aos reclames de desigualdades sociais existentes, agora, mais do que nunca, diante dos riscos mundiais compartilhados em 2020, se vê tendo que negar divisões anteriormente estabelecidas na rivalidade de poder das políticas nacionalistas, abrindo assim a possibilidade de afirmar a necessidade de renovação, de se pensar um novo modo de ver esse mundo, a partir da reflexão crítica da complexidade dos fatos que modificaram a realidade até então pensada como imutável, apesar de termos chegado aí através de acasos inesperados que, ao longo dos tempos, alteraram o seu rumo e a transformaram no que vivemos hoje.

A realidade que vivemos hoje resulta de um percurso histórico. É uma realidade que vai sendo alterada diante do desconhecido, e que nos força a

sair, psicologicamente falando, da nossa zona de conforto ou do que a imaginamos ser. É um desconhecido que assusta por não possibilitar o controle que a experiência traduz ao pensamento, deixando-nos à deriva em mares instáveis por serem repletos de incertezas, que caracterizam a complexidade de pensamento. Ora, como bem pontua Morin (2005), “O primeiro mal-entendido consiste em conceber a complexidade como receita, como resposta, em vez de considerá-la como desafio e como uma motivação para pensar”, enquanto “O segundo mal-entendido consiste em confundir a complexidade com a completude.” (p. 176).

Mas como pensar a complexidade como receita, como completude, como resposta plena aos acasos da realidade que nos cerca? Parafraseando a teoria psicanalítica, como pensar o ser humano biológico, social e cultural para além dos significantes que o tece, que tenta dar conta de um real que não para de negociar com a incerteza, e que, por assim ser, transita na articulação entre o lógico e o ilógico, entre o conhecido e o desconhecido, entre o certo estável e o incerto instável, numa complexidade de pensamento que, segundo Morin “(...), é, antes de tudo, o esforço para conceber um incontornável desafio que o real lança à nossa mente.” (Morin, 2005, p. 176)

De qualquer modo, a complexidade surge como dificuldade, como incerteza e não como uma clareza e como resposta. O problema é saber se há uma possibilidade de responder ao desafio da incerteza e da dificuldade. Durante muito tempo, muitos acreditaram, e talvez ainda acreditem, que o erro das ciências humanas e sociais era o de não poder se livrar da complexidade aparente dos fenômenos humanos para se elevar à dignidade das ciências naturais que faziam leis simples, princípios simples e conseguiam que, nas suas concepções, reinasse a ordem do determinismo. Atualmente, vemos que existe uma crise da explicação simples nas ciências biológicas e físicas: desde então, o que parecia ser resíduo não científico das ciências humanas, a incerteza, a desordem, a contradição, a pluralidade, a complicação, etc, faz parte de uma problemática geral do conhecimento científico. (Morin, 2005, p. 177)

O desafio de um real altamente mutável, repleto de incerteza e de desordem, era um pensamento tão distante do dia a dia da nossa contemporaneidade, como nos era também uma pandemia há dois anos. A pandemia fortaleceu o olhar social sobre a importância do conhecimento científico para o enfrentamento das dificuldades e para as propostas de solução das

mesmas, exigindo uma reconstrução da confiança nas pesquisas científicas, que está diretamente relacionada com a educação. Daí a necessidade de se apostar mais no entendimento da ciência, para minimizar uma crise sanitária que, diante de sua gigantesca dimensão, se torna também política e econômica, levando as Instituições de Ensino Superior a uma maior interação com os governos e com a sociedade como um todo.

Neste cenário, novos desafios são impostos à educação superior, como, por exemplo, o emprego de novas metodologias para o ensino misto, presencial e a distância, a adequação curricular frente às exigências do mercado de trabalho do novo normal, a internacionalização das atividades de ensino e de pesquisa, frente à restrição à mobilidade, dentre outras. No fundo, são ações que estão diretamente ligadas às dimensões de avaliação da qualidade da educação superior, levando-nos a repensar o futuro da mesma.

Repensando futuros da avaliação da qualidade do Ensino Superior

Quando há uma crise, que gera uma desordem, logo se começa a pensar numa solução. Mas como, de repente, diante das incertezas que o acaso carrega em si, evitar que uma desordem chegue ao caos, reelaborando uma realidade confusa ao ponto de gerar organização?

Foi diante de uma realidade caótica na Revolução Industrial que “(...) as organizações perceberam que a maioria de seus problemas estava na crescente exaustão e vulnerabilidade de seus mercados tradicionais e que o comportamento agressivo, por mais agressivo que fosse, não poderia resolver esta inadequação” (ANSOFF, 1977, p. 53), sendo necessário um planejamento estratégico para tomadas de decisões que conseguissem tornar funcionais os sistemas.

Tendo em conta as recentes mudanças sociais acarretadas pela pandemia da COVID-19, os sistemas encontram-se em revisão, e, dentre eles, o educativo. Operam-se mudanças no comportamento social que anteciparam o amanhã para hoje, quando a educação ainda não tinha dado conta das respostas que precisava de ter às exigências desse amanhã.

Uma educação que ainda necessitava proceder a mudanças para poder desempenhar um papel ativo, através do conhecimento, em nome do desenvolvimento pessoal e da luta contra a desigualdade, é levada agora a

repensar nas mudanças necessárias para desempenhar esse mesmo papel num novo contexto, diante do “novo normal” social.

Este é um momento social repleto de incógnitas, com alto grau de incerteza, onde não ousamos prever, mas precisamos de agir. Como agir? Como estabelecer cenários para a educação, em particular para a educação superior? Como esses cenários podem vir a ajudar na atual situação? Referimo-nos a cenários, enquanto futuros possíveis, nos quais as decisões de hoje poderão vir a serem testadas e melhoradas.

Mas como as Instituições de Educação Superior, no que se refere à avaliação da qualidade de ensino, vão se posicionar? Qual o foco? Em que prazo de tempo? Quais as variáveis importantes que farão a diferença frente à incerteza, isto é, as variáveis-chave?

Jean-Marc Côté, nos anos 1900, imaginou, conforme imagem abaixo, com base na antecipação de um conjunto de princípios, como seria a educação nos anos 2000:

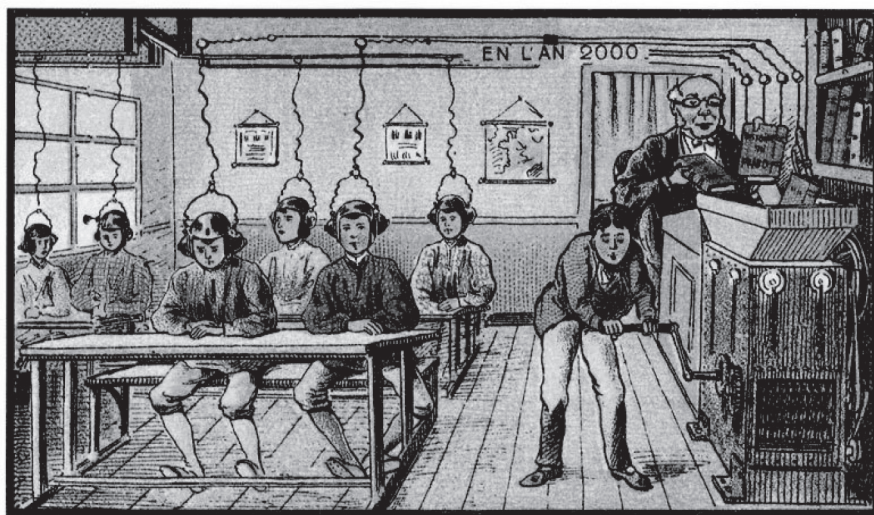


Figura 7 - Ilustração “At School.” Fonte: En L’An 2000.

E não apenas a educação, como demonstram as imagens seguintes que o escritor Isaac Asimov publicou em seu livro *Futuredays: A Nineteenth Century Vision of the Year 2000*. Uma série com vários cartões, caixas de cigarros e caixas de charutos, de nome *En L’An 2000*. Ilustrações de diversos artistas franceses, que retratavam como seria o futuro nos anos 2000.

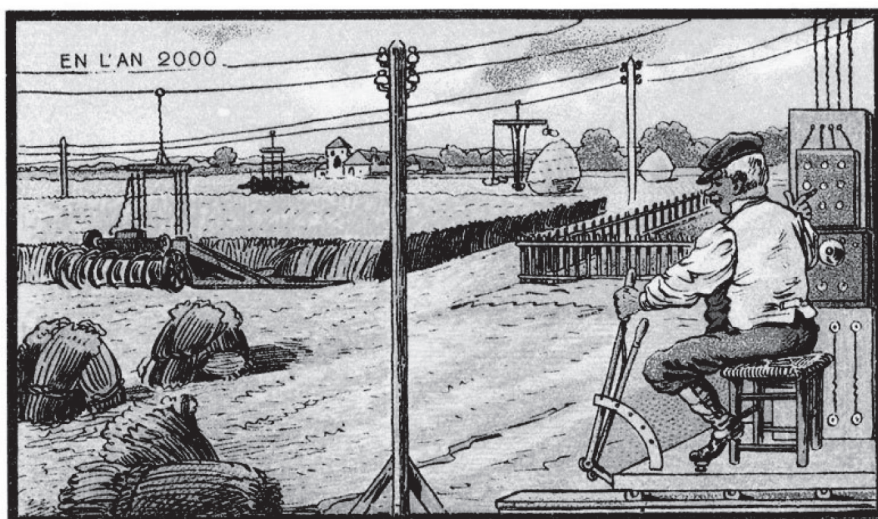


Figura 8 - Ilustração "A Very Busy." Fonte: En L'An 2000.

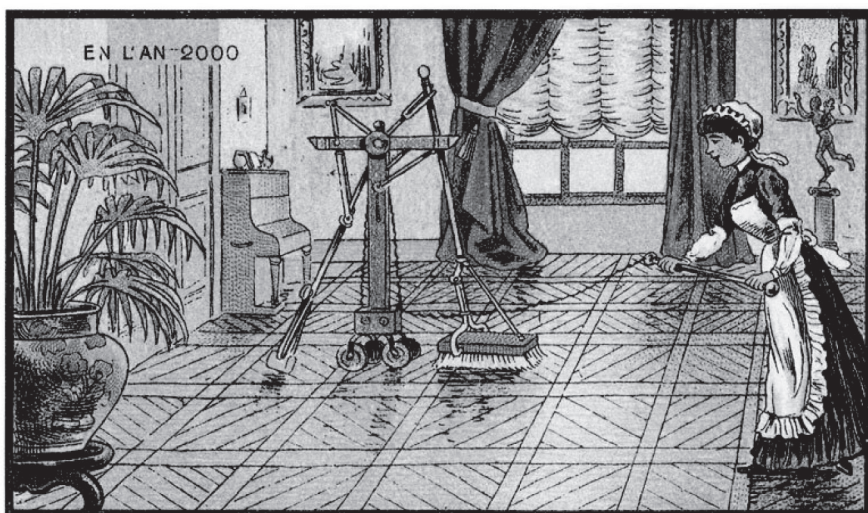


Figura 9 - Ilustração "Electric Scrubbing." Fonte: En L'An 2000.

Conclusão

A grande dificuldade é ter alguma certeza sobre como formar, em um presente de grandes incertezas, para um futuro ainda mais imprevisível. Esse é um dos grandes desafios que a educação, em geral, e a avaliação da educação, em especial, enfrentam tanto na esfera teórica e filosófica quanto na prática. (José Dias Sobrinho)

Diante do atual acaso da pandemia em que o mundo se encontra, no que se refere à avaliação da qualidade da educação superior, poderíamos analisar algumas incertezas com base nas seguintes questões de partida:

- Como se dará o processo de expansão da educação superior?
- Como ficam os percentuais de entrada e de evasão de alunos nas IES de regiões mais afetadas pelo choque econômico causado pela pandemia?
- A modalidade de aulas presenciais com um percentual de aulas online será o “novo normal” nos cursos que eram 100% presenciais?
- Essas aulas online serão no formato EaD ou remoto?
- Como fica a questão da igualdade num sistema misto, com aulas no formato presencial e online, se nem todos possuem computadores e acesso à internet? Aumentará a desigualdade? Sem esquecer que no formato totalmente presencial existem locais a que as IES não chegam.
- O redirecionamento do currículo ocorrerá de que forma? Será ampliado o padrão de política curricular?
- Qual o papel estratégico das políticas nacionais e transnacionais para a educação superior nesse “novo normal”?
- Como ficam as políticas institucionais no centro das políticas públicas?
- Quais serão as competências ditas como importantes para atuação profissional?
- Como será pensado o ambiente da educação superior, seja ela no formato presencial, EaD ou misto?
- As IES terão autonomia para, com base no compromisso com a aprendizagem, se autoavaliarem e serem externamente avaliadas de acordo com as dificuldades locais geradas pela pandemia, desde que nesse ponto a desigualdade seja uma realidade aumentada? Ou

continuarão a seguir um padrão de avaliação comum a todas para o estabelecimento dos rankings mundiais de qualidade de ensino superior?

- As dimensões da avaliação da qualidade da educação superior serão guiadas sob qual ótica?

Inúmeras são as imagens alternativas de cenário que podem ser idealizadas para um planejamento estratégico de possíveis futuros diferentes, incertos, da avaliação da qualidade da educação superior diante das incertezas acima elencadas. Futuros descritos que dependem de variáveis que, ao serem idealizadas, podem ser instigadas para futuros melhores. São cenários possíveis do amanhã da referida qualidade como processo reflexivo para tomada de decisão frente às atuais incertezas em que a mesma se encontra, diante das mudanças que ocorreram no presente.

Soares (2017, p. 5) alertava que “(...) as transformações estão sempre acontecendo, ao mesmo tempo em que algumas necessidades e práticas estarão também sendo recorrentes, mesmo em épocas e momentos bastante diversos. (...) nesse tempo histórico de transição, que se apresenta o choque entre os valores tradicionais com os emergentes, que buscam se afirmar (...)”.

Toffler (1973) já observava que o ritmo da vida está diretamente ligado ao conceito de transitoriedade. Uma “(...) rotatividade entre as relações que estabelecemos na vida, um rompimento ao apego às conexões do passado à efemeridade das situações emergentes” (p. 34).

Já Freire (2014) entende que essa transitoriedade é um formato novo de estar e de ser no mundo, uma transitividade crítica, na preparação do homem para o estado de mudança, de transição.

Nestes contextos, a idealização de possíveis cenários, mais do que previsões futuristas, é uma tentativa de compreender, com base nos sinais percebidos no presente, muitas vezes bem visíveis, sobre como poderá a avaliação da qualidade da educação superior sofrer transformações e evoluir com melhorias.

Referências bibliográficas

Ansoff, H. I. (1977). *Estratégia Empresarial*. McGraw-Hill do Brasil.

Asimov, I. (1986). *Futuredays: a nineteenth century vision of the year 2000*. Virgin Books.

FORBES, J. (2021). A Psicanálise do Homem Desbussolado – As reações ao futuro e o seu tratamento. *Psique Ciência&Vida*, 53, 14-15. http://www.psicanaliselacanianana.com/mural/textos/documents/JorgeForbes_Psique53_p14-15.pdf

Fórum Económico Mundial (2020). *Relatório Global de Riscos 2020* (15.^a Ed.). <https://www.zurich.com.br/media/project/zwp/brazil/docs/grr/relatorio-global-de-riscos-2020--sumario-executivo.pdf?la=ptbr>

Freire, P. (2014). *Educação como Prática da Liberdade*. Paz e Terra.

Morin, E. (2005). *Ciência com Consciência*. Bertrand Brasil.

Soares, P. C. (2017). *Leitura Literária no Ciclo Alfabetizador: repercussões das políticas educacionais no chão da escola pública municipal de Araçatuba/SP* [Dissertação de Doutorado]. Política Universidade Católica e São Paulo. <https://tede2.pucsp.br/>

Toffler, A. (1973). *O Choque do Futuro*. Artenova.

World Economic Forum. (2021). *The Global Risks Report 2021* (16.^a Ed.). Marsh McLennan, SK Group.